

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO CASTELO DE SANTIAGO DA BARRA, VIANA DO CASTELO, EM 2001-02 E 2006

Por: FRANCISCO RUI DE CARVALHO FERNANDES¹

ALBERTO A. ABREU²

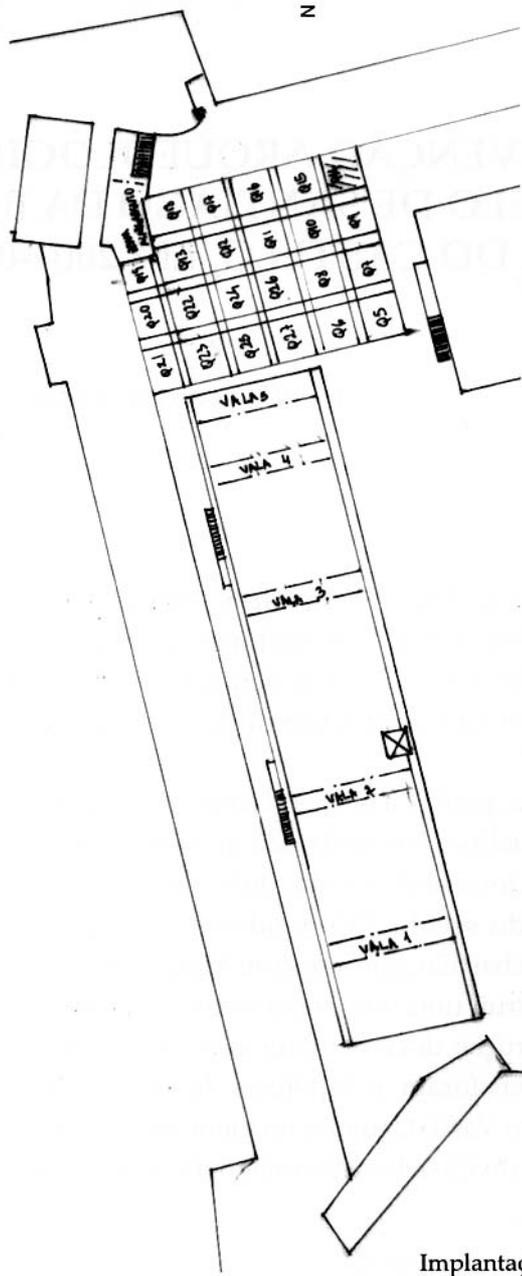
O local

A fortaleza de Santiago da Barra situa-se em Viana do Castelo, na margem direita da foz do rio Lima. É uma fortificação da Idade Moderna embora na gíria local denominada “Castelo”, iniciada no final do século XVI, com reformulações e acrescentos dos séculos XVII e XVIII.

Não foi esta, porém, a primeira construção sediada neste local. No período manuelino, foi construída aí, num afloramento rochoso (it. *rocchetta*) uma torre abaluartada conhecida como “Torre da Roqueta”. Em meados do século XVI, tendo-se considerado insuficiente a Roqueta, D. Sebastião, que agraciou Viana com o título de “notável”, mandou construir uma fortaleza a secundar a torre manuelina. Estando esta construção documentada mas não se lhe tendo descoberto vestígios, várias foram as hipóteses de localização, duas das quais – do arquitecto Vasco Cameira na memória introdutória ao projecto de adaptação do Castelo de Santiago da Barra ao turismo, e do seg-

¹ Arqueólogo.

² Coordenador dos *Cadernos vianenses*.



Implantação da escavação



Vista geral da escavação tirada de Norte

undo signatário deste texto num pequeno opúsculo – imaginavam ter sido o local da Roqueta um *pivot* onde teria assentado um ângulo da fortaleza em questão e que a partir daí se teria desenvolvido na direcção do centro da parada.

Foram decerto estes os motivos que fundamentaram a exigência, por parte do I.P.A., duma intervenção arqueológica prévia às obras de construção da Escola de Hotelaria. (Entre parênteses se adiante já uma conclusão do relatório, e é a de que os vestígios da construção sebástica foram, de facto, encontrados, mas com implantação bem diversa do que as hipóteses do arquitecto e do historiador tinham avançado).

A área a intervir era a que se situa entre o edifício central do forte (construção do século XVIII), o pano sul da muralha filipina (fim do século XVI), a Roqueta (p. séc. XVI, como se disse) e o edifício “da torre do relógio” (séc. XIX-XX). Acrescia que, durante as obras de instalação do saneamento, foram aqui descobertos vestígios duma construção ao que tudo indicava militar.

Recursos

Os recursos utilizados foram o suporte financeiro por parte do Instituto de Formação Turística, ferramentas (o recurso a máquinas foi banido à partida) fornecidas pelo empreiteiro, e algum apoio em pessoal da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

A equipa de trabalho foi constituída pelos signatários deste texto, a licenciada Diana Cunha e o assistente de arqueólogo disponibilizado pela Câmara Jorge Alexandre Viana Correia.

Dos relatórios das intervenções oportunamente enviados (e já aprovados pelo I.P.A. e pelo I.P.P.A.R.), destacamos as conclusões seguintes.

Estratigrafia

Conforme se pode verificar pela sequência estratigráfica obtida através do cruzamento dos perfis norte e oeste, pudemos identificar os vários momentos construtivos que a área onde decorreu a intervenção arqueológica sofreu ao longo dos últimos 5 séculos.

O sexto momento absorveu as camadas desde a 1 até à camada 17, i.é, terra vegetal, de cor castanha, homogénea, com ervas e raízes, várias camadas de enchimento, por via de regra em areia fina de cor cinzenta escura, violações para instalação de tubos de pvc, cabos de electricidade e saneamento e respectivo enchimento e nivelamento posterior com areia, e terra abundante em pedras, seixos e restos de materiais de construção (telhas e tijolos), que estão relacionadas com as obras que aqui tiveram lugar a quando da instalação da sede da Região de Turismo do Alto Minho no edifício sul da parada, em meados dos anos '80 do século transacto. Se as camadas 1 a 7 estão relacionadas com o colocação do lajeado em granito que serve de passagem entre o edifício da Região de Turismo e a Torre da Roqueta, as restantes, até à 13, são sobretudo camadas de enchimento das valas de fundação dos tubos em pvc e caixas de saneamento que se aí se instalaram, quer no edifício principal da Região de Turismo,



Estratigrafia da quadrícula 22

quer na Torre da Roqueta, e que todos confluíam para uma caixa de saneamento. Da mesma altura é a construção do parque infantil, situado a oeste do edifício sul da parada, cujas camadas são visíveis no perfil sul.

As camadas 14 a 17 são camadas de destruição das paredes dos edifícios que se encostavam ao parapeito interior oeste da fortaleza, cuja construção aconteceu do século XVIII em diante, destruição ocorrida, também ela, durante as obras de instalação da Região de Turismo do Alto Minho, em meados dos anos '80 do século XX, conforme se pode constatar por vários registos fotográficos existentes.

A camada 18 é a de um antigo piso exterior, formado por paralelos de granito, aí colocados quando na fortaleza funcionava o quartel militar, sendo a camada 19 a caixa de areia onde assentavam esses paralelos.

As camadas 20, 21 e 22 indicam-nos o antigo saneamento em grés, que existia nos edifícios apoiados no parapeito interior oeste, cuja montagem deve ter ocorrido entre as primeiras décadas do século XX e meados desse mesmo século, altura em que era frequente o uso de grés no saneamento.

Podemos, assim, dizer que, durante o século XX, o local conheceu dois momentos distintos: o último momento construtivo ocorreu durante os anos '80, directamente relacionado com as obras de beneficiação e recuperação, quer do edifício onde se instalou a Região de Turismo, quer da Torre da Roqueta; e o outro ocorrera provavelmente entre os anos '20 e '40, relacionado quer com a colocação dos paralelos graníticos quer com a montagem do saneamento nos edifícios apoiados no parapeito interior oeste.

O quarto momento construtivo distinto é-nos indicado pelas camadas 24 a 29, que estão relacionadas com a construção dos vários edifícios apoiados no parapeito interior oeste, cuja construção teve início no século XVIII, conforme se pode constatar pelas plantas existentes dessa altura. As camadas desde a 24 à camada 28 são enchimentos das valas de fundação das respectivas paredes, bem como a 29, que, além de ser um enchimento relacionado com a construção desses edifícios, é também a camada que destruiu os muros que pertenceram ao edifício denominado por Oficinas do Trem, construído no século XVII.

Inicia-se na camada 30 e vai até à camada 34 o terceiro momento construtivo, este relacionado com a construção das Oficinas do Trem. Além de ter sido ainda possível identificar o piso deste edifício (camada 32), constatamos ainda a presença da camada da sua ocupação (camada 31). A camada 33 não é mais que o enchimento nivelatório para assentamento do piso, e a 34 é o enchimento da vala de fundação das suas paredes.

O segundo momento construtivo é o relacionado com a construção da fortaleza em si, neste caso específico do parapeito interior oeste

e sul da mesma. As camadas correspondentes a este momento vão desde a camada 35 à 38, correspondendo a enchimentos da vala de fundação desse parapeito, que, por seu turno, veio destruir o muro que nós identificámos como pertencente ao forte mandado construir por D. Sebastião, no século XVI. A construção da fortaleza filipina, iniciada em finais do século XVI e que se prolongou pelo século XVII, veio destruir a antiga fortaleza de D. Sebastião, conforme constatámos quer pela estratigrafia quer pelas estruturas, já que o parapeito interior da fortaleza se apoia, em parte, no muro sebástico.

As camadas por nós identificadas a seguir são já anteriores à construção da fortaleza filipina, pertencendo então ao que nós denominámos de primeiro momento construtivo. Desde a camada 39 até à camada 46, encontramos apenas enchimentos interiores do muro sebástico, já que este é um muro com duas faces, uma oeste e outra este, ambas em pedra, com enchimentos de terra, areia e pedra solta no seu interior.

Não se encontrou vala de fundação deste muro, uma vez que o seu alicerce se apoia directamente na rocha natural granítica.

As restantes três camadas são já camadas naturais, ou de formação natural, sendo a 47 areias de deposição natural, a 48 o antigo vegetal e a 49 a rocha granítica.

Foi-nos, deste modo, através da sequência estratigráfica, bastante fácil identificar e dividir os vários momentos construtivos a que a área, onde se procedeu à intervenção arqueológica, foi sujeita.

Estruturas descobertas

O M1 (muro da fortaleza sebástica) é constituído por um duplo muro em granito, de faces paralelas, com uma orientação SW/NE, faceadas exteriormente, ou seja na face este e na face oeste, respectivamente, possuindo um enchimento entre ambos constituído por areias, pedras graníticas soltas e seixos. Possui, em ambas as faces, um aparelho quase isódomo, com pedras rectangulares, com cerca de 70



Vista geral da escavação tirada de Sul

cm, aproximadamente, de comprimento, e cerca de 50 cm de largura. As paredes do M1 são verticais e assentam directamente na rocha granítica natural. Funciona, conjuntamente com o M8, um muro com as mesmas características (paredes verticais, fiadas regulares), agora com uma orientação N/S. Supomos, pelo tipo de aparelho, orientação e sequência estratigráfica, que estes dois muros (M1 e M8) pertençam ao forte mandado erigir pelo rei D. Sebastião no século XVI, tendo sido destruídos para a construção da nova fortaleza filipina, obra do final do século XVI.

Os M2, M3 e M4 pertencem todos à mesma estrutura, isto é, os armazéns e cozinha construídos dentro da fortaleza filipina a partir do século XVIII, apoiando-se no parapeito interior oeste da mesma. Possuem, por isso, o mesmo tipo de aparelho, fiadas de pedras irregulares, compostas por pedras de granito e xisto, unidas por uma argamassa de saibro de cor amarelada. O seu alicerce é escalonado, em partes por um degrau e noutras por dois. Por vezes, qualquer um dos muros se apoia e assenta em estruturas já existentes, como o muro do forte filipino ou os muros das Oficinas do Trem. Quer o M3 quer o M4, possuem uma orientação E/W, encostando ao parapeito interior oeste da fortaleza, enquanto o M2 tem uma orientação N/S. Estes muros pertencem a uma estrutura que funcionou até ao século XX, tendo sido apenas destruídos nos anos '80 desse século, a quando das obras realizadas na fortaleza para instalação da Região de Turismo do Alto Minho. Esta estrutura foi construída quando as Oficinas do Trem já não se encontravam em uso e estavam já parcialmente destruídas.

Os M5, M6 e M7 pertencem todos à mesma estrutura, que se identifica num mapa do século XVII, como referimos, como Oficinas do Trem, local onde se reparavam e armazenavam as peças de artilharia da fortaleza. Era um armazém de planta rectangular, de orientação SW/NE, construído em frente da Torre da Roqueta. Todos estes muros possuíam o mesmo tipo de aparelho, irregular, constituído

por pedras graníticas de vários portes, possuindo um alicerce escalonado num só degrau, que assentava na extremidade SW na rocha granítica natural, e tendo por argamassa um barro de cor castanha. Quer o M5 quer o M7 possuíam uma orientação NW/SE, enquanto o M6 tinha uma orientação SW/NE. Esta estrutura aproveitou parte do M1, muro do forte de D. Sebastião, nomeadamente a face este do mesmo, funcionando a mesma como uma das paredes das Oficinas do Trem. Era esta a razão por que parte dessa face este do M1 possuía um reboco de estuque.

O M9, do qual apenas se encontrou uma fiada de pedras em granito, de forma e tamanho irregulares, é um muro que parece ter sido a continuação do M6, já que possui a mesma orientação SW/NE. Contudo, dado o seu estado ruinoso, poucas mais conclusões nos foi permitido tirar.

Consideramos como M10, o muro do parapeito interior oeste da fortaleza filipina, com uma orientação N/S, sendo um muro de paredes oblíquas, mas de aparelho irregular, com pedras graníticas de várias formas e tamanhos, possuindo um alicerce escalonado num só degrau, alicerce esse que em algumas partes se apoia na face oeste do M1, assentando as outras na rocha natural.

O M11 é um muro também interior com as mesmas características do M10, sendo uma estrutura paralela à Torre da Roqueta.

Foram ainda encontradas outras estruturas no decorrer da escavação, nomeadamente quatro canalizações em pedra. Três delas foram construídas na mesma altura, todas elas encostando aos armazéns construídos a partir do século XVIII, após a destruição das Oficinas do Trem, e todas em granito, tendo uma laje a servir de base, pedras de pequeno porte, alinhadas paralelamente, a servir de paredes e uma laje a servir de tampa.

Espólio

Fazem parte do espólio exumado um considerável número de fragmentos cerâmicos. Entre eles destacamos a cerâmica comum



Muro da fortaleza sebástica



Escada de acesso à Roqueta adossada à muralha sebástica

com cronologias a apontar para Idade Moderna/Contemporânea, além de inúmeros fragmentos de cerâmica vidrada com cronologias indefinidas, bem como um bom lote de faianças, com cronologias que vão desde o século XVIII ao século XX, algumas com marca de fabricante.

Além do espólio cerâmico, destacam-se também alguns metais, como algumas moedas, uma de D. José e outra de D. Maria I, e outras que ainda não foi possível identificar, botões, uma cruz recruzetada bem como uma estrela que parece ser uma insígnia militar.

Numa análise muito sucinta, todo o espólio corresponde às cronologias de ocupação e construção, quer da fortificação filipina moderna, quer das construções relacionadas com o aquartelamento militar que ali funcionou até ao século XX.

Intervenção no “Edifício do Relógio” e acompanhamento arqueológico

A execução do projecto de construção da Escola de Hotelaria obrigou depois ao acompanhamento das respectivas obras, bem como à abertura de valas de sondagem. Foram cinco as valas abertas, todas com 1.5 m de largura e quatro com 11.6 m de comprimento e uma com 11.5 m, todas orientadas no sentido N/S, de parede a parede no interior do Edifício do Relógio. Os trabalhos arqueológicos revelaram apenas camadas de enchimento dos alicerces e valas de fundação deste edifício e das arcadas de suporte interiores.



Muralha sbástica com vestígios medievais no seu interior

No exterior, procedeu-se à escavação de várias quadrículas, na continuação das escavadas em 2001, realizando-se também o acompanhamento arqueológico de todas as obras relacionadas com a instalação de infra-estruturas da Escola de Hotelaria.

Da análise da sequência estratigráfica por nós identificada, depará-mos com várias fases construtivas, relacionadas com as estruturas encontradas e os seus momentos, quer construtivos quer de destruição. Até á camada 16, encontrámos sobretudo valas de enchimento e revolvimentos relacionados com a ocupação mais recente da fortaleza de S. Tiago da Barra, ou seja, camadas relacionadas com as obras realizadas em meados dos anos '80 do século XX, aquando da instalação da Região de Turismo do Alto Minho na fortaleza.

As camadas seguintes são, na sua maioria, enchimentos relacionados com o alteamento da parada e construção de edifícios de aquartelamentos, bem como estruturas de escoamento de águas a eles associados.

*

Em conclusão, encontrámos as camadas mais antigas, agora já relacionadas com a construção da fortaleza filipina, das escadas de acesso à Roqueta e das oficinas do Trem (camada 40). As anteriores estruturas, como assentam na rocha natural, não possuem valas de fundação, ou, se as possuíam, as grandes obras de construção da fortaleza filipina, apagaram o seu registo.

No exterior, ao lado de violações contemporâneas realizadas a quando da instalação da R.T.A.M. neste espaço, o resto do Edifício do Trem, estrutura construída no século XVII por alturas da construção do forte filipino, a escada de acesso à Torre da Roqueta adossada ao forte sebástico e algumas canalizações em pedra de águas pluviais relacionadas com a ocupação militar, e vestígios duma construção que pode ser medieval ainda visíveis em parte do "miolo" da fortaleza sebástica, que o destruiu. Na terras de enchimento e valas de fundação apareceu abundante espólio cerâmico comum e de faianças da Época Moderna.